

A conquista dos sertões do Cuiabá e do Mato Grosso: os *numerosos reinos de gentios* e a “*guerra justa*” aos *paiaguá* (1719-1748)

Thereza Martha Presotti - UFMT/PPG-UNB

Numerosos *reinos* ou *sertões de gentios* foram devassados no processo da conquista colonial da parte central da América do Sul¹. A partir das primeiras décadas do século XVIII, sertanistas paulistas apresadores de índios passam a devassar os *sertões do Cuiabá*, assim nomeado em referência ao rio Cuiabá, afluente do rio Paraguai. Em busca de mais gentios e “novos descobrimentos” a conquista segue sentido noroeste à Chapada dos *Pareci*, alcançando o Alto Guaporé em ambiente amazônico: os sertões e minas do *Mato Grosso*. Focalizo esta fase inaugural da conquista na primeira metade do século XVIII, sob jurisdição da capitania de São Paulo (1719-1748), fase que antecede a criação da Capitania de Mato Grosso².

Na releitura da historiografia da expansão da conquista territorial da América portuguesa, onde retomo descrições e percepções acerca dos “índios” nas narrativas de sertanistas, monçoeiros, cronistas e outros agentes da colonização; pretendo ver revelado: a densidade e diversidade da ocupação por populações ameríndias, as desterritorializações e reterritorializações e alguns cenários de *metamorfoses indígenas*³ no processo histórico das relações de colonização no centro da América do sul. A “*guerra justa*” aos *paiaguá* em 1734 proponho apresentá-la como evento exemplar neste contexto. No palco, as complexas relações da conquista em área de fronteira, evidenciadas disputas entre paulistas, portugueses, espanhóis, os cavaleiros-guaicuru, dos “temíveis guerreiros” *bororo* e outros.

As “*tantas nações de gentes que não cabem nos arquivos da memória.*”

Na narrativa de José Barbosa de Sá, cronista da Vila de Cuiabá, onde ele mesmo diz ser *dos segundos que cultivaram estes sertões* e que examinou *tudo que neles havia*; se lê as primeiras versões do processo da conquista colonial. Ao contar das entradas dos paulistas nestes sertões onde “*colhiam almas para Deus e utilidades humanas*”, evidencia

numerosa presença indígena, e como uma re-edenização no centro do continente, faz recordar o paraíso:

Correndo os tempos e continuando aqueles aventureiros [paulistas] as suas conquistas, chegaram a navegar o rio Paraguai, descendo uns pelo [rio] Coxim, outros pelo Embotetei [atual rio Miranda-MS], (...) e entrando *pelas grandes baías, foram achando tantas nações de gentes que não cabem nos arquivos da memória* e só me lembro as seguintes: Caroyas, Taquasentes, Xixibes, Xanites, Porrudos, Xacororés, Aragoarés, Coxiponés, Pocuris, Arapoconés, Moccos, Goatós, Araviras, Buripoconés, Arapares, Hytaporés, Ianés, Aycurus, Bororos, Payagoas, Xaraés, Penacuicas, e outros. Divertidos com *estas gentes e fertilidade das terras, donde se colhem os frutos sem semear*, esquecidos das pátrias, mulheres e filhos, (...), passavam as vidas anos e anos.⁴

A desterritorialização dos *coxiponé* no ano de 1719 demarca o início da conquista. Na mesma narrativa, um detalhamento da prática do apresamento⁵ e destruição de aldeias e as comemorações do “descobrimento do ouro”:

Antônio Pires de Campos foi o primeiro que subiu este rio [Cuiabá] em procura do gentio *coxiponés*. Chegado a uma aldeia deles, (...) *ai prendeu muitos* e voltou para baixo em procura das mais frotas que andavam por essas largas e dilatadas baías em procura das mais nações. No seguinte ano [1719] seguiu Pascoal Moreira Cabral o mesmo rumo em procura dos mesmos *coxiponés* e chegou ao lugar da *aldeia velha já destruída*. Não os achando, subiu o rio Coxipó-mirim, nomenclatura derivada do nome do mesmo gentio, (...), e seguiu rio acima (...); *ai achou o gentio em que fez muitas presas com bastantes mostras de ouro em botoques e outros enfeites* e buscando os companheiros, com eles desceu a fazer pouso ao lugar chamado Aldeia Velha, (...) Ai formaram seu Arraial (...), cantando vitórias contra as fadigas da pobreza e suas largas peregrinações, dando uns aos outros os parabéns de suas fortunas, (...) todos enfim participantes dos aurinos frutos, uns colhidos da terra, outros das *mãos dos gentios*. Trataram logo de fabricar casa e lavouras de mantimentos pelas margens dos rios Cuiabá e Coxipó; *extinguindo uma aldeia do gentio* (...) ⁶

Em um roteiro de caminhos percorridos pelos paulistas para se chegar à *província dos coxiponés*, esta mais explícito o projeto invasor em territorialidades ameríndias:

Está o tal sertão [do Cuiabá] também *rodeado de bastantes nações de índios*; e em pouca distância há uma grande aldeia, a qual esperam os paulistas (...) nela fazerem uma habitação, por ser o lugar mais cômodo aos mineiros.⁷

No ano de 1721, o capitão-general de São Paulo, comenta o cotidiano da conquista pelos ‘descobridores’ que primeiro se empregavam no plantio das roças e “em *conquistarem o gentio, que não tem sido pouco*”, mas que “muita parte dele se acha unido com aqueles sertanistas, e os mais que se retiraram por causa do medo, há esperanças que imitem os primeiros (...).⁸ Ao chegar nas minas na monção do ano de 1726, pode-se ver sua estratégia para “reconduzi-los e metê-los de paz”, e as reações dos gentios:

(...) achando-se [as minas do Cuiabá] cercadas de várias nações de gentio, que não nos deixavam alargar pelo centro do sertão, matando e sustentando-se de carne humana, procurou reconduzi-los e metê-los de paz S.Ex^a. [Rodrigo César de Meneses], para o que lhes mandou alguns pombeiros, contentando-os e persuadindo-os com

mimos (...), mas estes não só recusaram a nossa amizade, mas responderam que eles eram homens e que só à força de armas seriam mortos ou conquistados. Ouvida esta insolente resposta, mandou S. Ex^a. pôr logo pronto um cabo com bastantes soldados sertanistas, com ordem positiva que os atacassem em qualquer parte que os achassem: assim se fez e sem embargo de uma vigorosa resistência, mataram os nossos uma grande parte deles e trouxeram prisioneiro o resto, com toda a sua família. Espera-se que os mais cabos, que S. Ex^a. mandou a diferentes partes, consigam a mesma felicidade.⁹

Em fins de 1727, Rodrigo César proibiu que bastardos e índios pudessem deixar as casas de seus administradores, pois “seria injusto tirar estes homens do poder daqueles que os tinham trazido das brenhas do sertão”.¹⁰

No relato de Antônio Pires de Campos¹¹ a diversidade da ocupação e dimensão incomensurável do povoamento ameríndio. Basta apenas o título de sua “Breve Notícia...”:

Breve notícia que dá o capitão Antonio Pires de Campos do *gentio bárbaro* que há na derrota da viagem das minas do Cuiabá e seu recôncavo, na qual declara *os reinos a que chegou e viu por maior, sendo em tudo diminuto, porque seria processo infinito se quisesse narrar as várias nações*, nos mesmos usos e costumes, trajes e vantagens que fazem, e *menos numerá-las, por se perder o algarismo*, principalmente no *dilatado reino dos Pareci, tão extenso e dilatado* e seus habitantes por extremo asseadíssimos e estáveis e tão curiosos que podem competir com as mais das nações do mundo no seu tanto (...).¹²

Mesmo anunciando a impossibilidade numerar as várias nações que ia encontrando, nomeia cerca de cem etnias como “reinos de gentios”, “lote de gentios”, ou “nações bárbaras”. Merece destaque o *Reino dos Paresi*, nos sertões do Mato Grosso:

Naquelas dilatadas chapadas habitam os *Paresi*, reino mui dilatado e todas as águas correm para o Norte. É esta gente em tanta quantidade que se não podem enumerar as suas povoações ou aldeias, *muitas vezes em um dia de marcha se lhe passam dez a doze aldeias, e em cada uma destas tem dez, até trinta casas*, e nestas casas se acham algumas de 30 até 40 passos de largo e são redondas de feitio de um forno, mui altas e em cada uma destas casas, entendemos agasalhará toda uma família; estes todos vivem de suas lavouras, no que são incansáveis, e é gentio de assento, e as lavouras em que mais se fundam são mandiocas, algum milho e feijão, batatas, muitos ananases e singulares em admirável ordem plantados, (...).¹³

A “guerra justa” aos Paiaguá: um espetáculo de maior horror

Nas primeiras informações das penetrações espanholas no rio Paraguai, no século XVI já se tem notícia de enfrentamentos com os *paiaguá*¹⁴. Max Schmidt, ao explicar a origem do etnônimo *paiaguá*, diz que aparece pela primeira vez no relato do encontro de Ayolas (1535) com estes índios. Em outras expedições foram chamados de *agaces*, *aigas*, *aigeis* e *payembos*, mas a auto-denominação era *evuevi* - ‘gente do rio’ ou ‘donos do rio.’¹⁵

Diversos são os relatos de enfrentamentos, bem como alianças com os mesmos espanhóis, e com outros indígenas para ataque a outros grupos, como os “portugueses de San Pablo”. Portanto, a conquista hispânica, e a presença de missões jesuítas, podem ser considerados como propulsores de metamorfoses, re-significações e novas práticas das populações indígenas em terras americanas, além das tradicionais violências que causaram a baixa populacional por doenças e genocídios.

Os *paiaguá*, dentre as diversas etnias do mosaico cultural chaqueano, estão caracterizados, como caçadores nômades, pescadores e coletores. Segundo Branislava Susnik, integraram a grande migração Guaycuru e em contato com populações canoieiras ribeirinhas passaram a adotar a canoa como um novo elemento cultural, caracterizando-se não mais por ser “la gente de cultura de planície”, mas “precisamente portadores da cultura canoieira”¹⁶. Símbolo do ethos guerreiro, a canoa tornou-se também instrumento principal de deslocamento, uma área fluvial extensa, desde a desembocadura do rio Bermejo até o Alto Paraguai¹⁷. Ao contrário de outros grupos canoieiros, não possuíam limites estabelecidos por outras etnias; seus assentos poderiam estar localizados em ambas as margens ou diversas ilhas no rio Paraguai. Na historiografia, os *paiaguá* são retratados como ameríndios que mais ofereceram resistências à conquista colonial portuguesa desta parte central da América. Estão apresentados como desconhecidos até o primeiro “ataque” em 1725, quando,

Vindo (...) *conserva de canoas de povoado para* estas conquistas, (...) com muitos escravos e fazendas para negócio, foi acometido do *gentio Paiaguá* (...); acabaram as vidas todos (...), escapando só um branco e um negro (...); morreram seiscentas pessoas e levou o gentio vinte canoas, (...) Não se sabia que gentio era, onde habitava e que nome tinha, *por não ser o nome Paiaguá até então conhecido*; inquirindo-se dos *índios domésticos naturais das vargens*, cientes das nações circunvizinhas, (...) declararam que eram ***Paiaguá, gentio de corso*** que não tinha morada certa, ***viviam sobre as águas sustentando-se de montaria pelo Paraguai e pantanais***, gente que já em outro tempo fora aldeada pelos padres missionários da Província do Paraguai de onde *haviam fugido*(...), e que enquanto os Guató tiveram forças, não fizeram os Paiaguá aventuras, por serem deles acossados e que como os brancos destruíram os Guató, fossem também destruir os Paiaguá. ¹⁸

Porém, Sérgio Buarque de Holanda ao comentar o relato do cronista, diz “*que nada indica que os de São Paulo, habituados a correr sertões freqüentados pelos paiaguá, os ignorassem*”; e foi quando se institucionalizou o sistema de frotas de canoas de comércio -

as monções de Cuiabá -, que a situação mudou. A partir daí, embarcam nos caminhos dos rios um grande número de pessoas sem a prática sertanista.

De outro lado, os hábitos predatórios e a pugnacidade dos índios só podem ganhar alentos à perspectiva de uma vitória mais fácil sobre os intrusos. É o confronto de duas humanidades tão diversas, tão heterogêneas, tão verdadeiramente ignorantes, agora sim, uma da outra, que não deixa de impor-se entre elas uma intolerância mortal.¹⁹

Os conflitos com os monçoeiros se concentraram sobretudo no rio Paraguai após o rio Taquari. Estão registrados 18 ataques, iniciando com o referido conflito onde morreram 600 pessoas em 1725. O derradeiro parece ter ocorrido em 1786.²⁰ A tática por eles usada, segundo se apreende dos relatos dos que presenciaram os ataques, eram de emborcar as embarcações, para molhar armas e munições. Os *cuiabanos* logo aprenderam a distingui-los, pois só atacavam em emboscadas de canoas, com gritos e estranhos instrumentos.

Em Barbosa de Sá, alguns detalhes de como na época divulgavam os “bárbaros” *paiaguá*, contrapondo-os aos corajosos paulistas ou quaisquer outros que oferecessem resistências, como na monção de 1726, que,

foi assaltada do gentio Paiaguá (...); com eles se embaraçaram dois fortes mancebos, *que mereciam seus nomes letras de ouro escritas nas asas da Fama*(...), naturais da vila de Itu. Cercados (...) pelejaram até as duas da tarde, primeiro com armas de fogo, deixadas estas à espada, rebatendo as lanças dos *gentios*, arrancando-lhas das mãos e com elas ferindo-os. (...), mantiveram a peleja eles sós, *matando muitos bárbaros* e ferindo-os (...), em tal forma que sobre eles caiu todo o *ferino poder*, (...). Testemunharam esta *marcial tragédia* os mais (...), *brancos, pretos e índios*, postos no barranco do rio, vendo os touros de palanque, (...).²¹

Mas é no ataque da monção de 1730, que o conflito chega ao extremo. Além da morte o ouvidor Antonio Lanhas Peixoto, afetou os *aumentos da Real Fazenda* com o roubo do ouro. Eis a dramática narrativa:

(...) saiu de Cuiabá no mês de junho algumas canoas para povoado, (...) e bastante gente, com sessenta arrobas [c. 900 kg] de *ouro do povo*; (...) [no rio] Paraguai saí-lhes(...) *uma turba de Paiaguá* com *urro* tão estrondoso, que atemorizou os ânimos de alguns e a outros incitou o valor; pelejaram fortissimamente de parte a parte; *foi tanto o sangue derramado, que tornou as águas de cristalinas, anacaradas*; acabou a vida em marcial contenda o Doutor Lanhas(...). Continha a *frota do gentio oitenta e três canoas*, com o melhor de *trezentos* [homens]; pelejaram das nove horas da manhã até as duas da tarde, em que acabaram quatrocentos cristãos, entre brancos, pretos e índios, e dos inimigos cinqüenta, escapando dos nossos doze pessoas, que por terra se acoutaram a um capão de mato. (...) detrás de uma ilha, umas vozes que bradavam como gente humana, e seguindo esta voz, (...), não acharam gente viva que pudesse bradar, e só muitos corpos, uns em terra, outros no pantanal, alguns dependurados em forcas, outros com as cabeças quebradas a porretadas, atravessados de lanças, alguns esquartejados, abertos, tiradas as entranhas, que eram os que escaparam do conflito e tornados prisioneiros, ali lhes deu o gentio a todos morte por aqueles modos; aí acharam caixas quebradas, roupas espalhadas, papéis rasgados, e entre isto uma imagem de Santo

Antonio, com a cabeça dividida do corpo, a quem atribuíram os brados, para que tivesse aquele lastimoso espetáculo.²²

Diante do ocorrido, em 1731 trataram de montar uma esquadra com 21 canoas de guerra, 215 homens, entre brancos, pretos e índios, que partiu da vila para invadir o paiaguá.²³ Sem sucesso, no mês de abril, saiu outra armada “com trinta canoas de guerra e cinquenta de bagagem e montaria, quatrocentos homens entre brancos, pretos e pardos, duas peças de artilharia, dois pedreiros de bronze, armas e apetrechos necessários, tudo à custa dos homens principais”. Neste episódio, as evidências da aliança dos *paiguá* com os *guaicurus- cavaleiros*, e o acoitamento dos espanhóis, quando viram

um troço de cavaleiros, que eram os gentios *Guaicuru* (...) e ao mesmo tempo subiu do rio [*Paraguai*] abaixo uma escolta de canoas de *Paiaguá*, [que] saltaram em terra e *unidos com os cavaleiros, entraram a florear e desafiar os portugueses*. Disparou-se-lhes a peça com bala miúda, que matou muitos de uma e outra nação, deixando-os tão atemorizados, que os *Paiaguá*, recolhidos a suas canoas, rodaram rio abaixo e os cavaleiros puseram-se de muito longe a observar os nossos movimentos. (...) no outro dia viram cavaleiros perto do rio, (...) [dois deles foram trazidos] amigavelmente [e] aí os prendaram com facas, machados e roupas e mandaram que fossem chamar seus parentes. (...) chegou no outro dia um cacique [*Guaicuru*] com sete homens e outras tantas mulheres; (...) e vestindo o cacique de camisa, um vestido encarnado, meias, sapatos(...), mandou-o que fosse buscar a sua gente; foi, voltou com alguns(...), deixando de fora uma multidão deles montados a cavalo, armados; vendo-se-lhes a cautela, [Antonio de Almeida Lara] prendeu(...) alguns, que trouxe consigo, e a outros mandou cortar as orelhas, dizendo-lhes que fossem buscar o seu exército e viessem brigar, que a todos os acabaria.(...) saiu-lhes uma manhã o *Paiaguá* com grande chusma de canoas, que se lhe não soube o número, (...); dispararam-lhes da armada as duas peças de artilharia a um tempo, com bala miúda, que os fez amainar a fúria e rodaram para baixo, deixando sobre as águas muitos mortos e feridos e canoas(...). Seguiu-os a armada portuguesa até as aldeias [das] gentes católicas de Assunção(...); aí tomaram fala de uns índios(...) que entendiam a língua geral brasílica, de quem souberam que nas (...) [aldeias espanholas] se tinham os *Paiaguá* acoutado(...).²⁴

A partir daí preparou-se a guerra, e no dia 01 de agosto de 1734 saiu a armada da vila com 28 canoas de guerra, 80 de bagagem e montaria, 3 balsas que eram casa portáteis armadas sob canoas, 842 homens entre brancos, pretos e pardos. Tudo que era branco levava cargo militar, e só se diziam soldados os pretos, índios e mestiços²⁵.

Antônio Pires de Campos é citado pelo biógrafo Sá Carvalho como aquele que decidiu a luta contra os índios *paiguá*, ajudado por seus irmãos e “seu exército de bororos” que fazia parte das tropas, sob o comando do tenente-general Manuel Rodrigues de Carvalho, organizadas em Sorocaba e Itu. A concentração de todos esses elementos se fez em Cuiabá, no Itaiçá, propriedade do pai de Antônio Pires.²⁶

No bando que ordena “*guerra justa*”, a síntese das justificativas para tal guerra:

Sendo tão notórias as extorsões, mortes e roubo que os gentios bárbaros da nação paiaguá e os mais que infestam o caminho das minas do Cuiabá (...) e o rio Paraguai infestado dos paiaguás, onde por várias vezes atacaram as nossas tropas, destruindo no ano de 1730 a que vinha o ouvidor Antônio Lanhas Peixoto, matando-o e à maior parte dos que o acompanhavam, roubando todo ouro que traziam, de que tem resultado um considerável prejuízo não só aos direitos reais, mas aos interesses deste Estado, e se deve recear que o mesmo gentio paiaguá e os mais bárbaros, animados dos roubos que têm feito, continuem e freqüentem os mesmos insultos, de que se poderão seguir sinistras conseqüências, fazendo-se muito preciso acudir-se com pronto remédio para se evitarem os danos futuros, dando-se um tal castigo àqueles bárbaros que lhes sirva de terror, e assim a eles e a todos mais que habitam por aqueles sertões.²⁷

E se decidiu, assentando-se em uma junta, que se desse guerra ao gentio paiaguá dentro de seus alojamentos, “queimando e destruindo todas as suas aldeias, *para que este espetáculo lhes sirva de maior horror*”. Ordena o cativo de “todos aqueles que se puderem render e apanhar,” sendo os cativos “repartidos pelas pessoas que nela entrarem, para que com esse interesse, entrem mais gostosos”. Está também assentado que a Fazenda real deverá custear “toda pólvora, bala, munições, armas e mais petrechos que forem necessários para a dita expedição”.²⁸

A Relação da sanguinolenta guerra que por ordem, direção e regimento do conde de Sarzedas, governador da capitania de São Paulo, descreve o ‘horror’ praticado:

Com a fortuna de ouvir os alaridos que o gentio fazia na praia, (...) por ser noite, mandou um negro a nado para reconhecer em silêncio o sitio. Voltou logo com a notícia que o gentio estava entregue ao sono nas canoas descansando. (...) cercaram a passagem e mandaram tocar as caixas de guerra e deram uma carga onde todos pereceram, exceto três, que por fortuna escaparam para dar notícia de onde estava o alojamento.(...), chegaram a um logradouro onde um gentio estava, e (...) penetraram mais adentro com as canoas armadas, avistaram um ponto onde 150 canoas estavam meio encalhadas, (...) o que mandou logo de madrugada cercar as canoas do inimigo.(...) Já dia claro tocaram os instrumentos militares, de cujo estrondo movido, os gentios vieram subitamente armados com lanças de 25 palmos a procura da praia onde os nossos os esperavam e as suas canoas estavam. Apenas chegaram à boca do canhão, logo recebendo chuva de balas em si, das cargas sucessivas que as nossas armas disparavam com tal emprego que todas as balas e perdigotos em seus agigantados corpos se aproveitaram, (...) e tendo já pago com a vida a maior parte deles as traições e invasões e insultos cometidos (...) sem que algum ficasse com vida, *se pôs termo e último fim às crueldades e traição daquela vil canalha* (...). Acabada a batalha na forma referida, entraram os soldados a saquear as barracas, (...) e *aprisionou as poucas mulheres que ficaram vivas e com elas algumas crianças que tudo fez o número de 250 almas porque toda a mais multidão perdeu a vida a fogo e a espada*.(...) E para que o cacique na volta que fizesse ao alojamento morresse de pasmo, *cortaram os soldados 50 cabeças dos mortos e as deixaram espetadas em paus na borda d’água na praia* (...). E para que ficasse acabado, depois de pôr todas as canoas em rachas concluíram com o castigo com fogo em todas as barracas (...). Este foi o funesto e desgraçado fim que tiveram aqueles salteadores e tiranos paiaguás.²⁹

¹ Quando me refiro à *parte central da América do sul*, pretendo expressar a dimensão continental deste território e dar maior visibilidade às especializações da conquista colonial na fronteira oeste.

² Ver: Carlos Alberto Rosa. "O urbano colonial na terra da conquista", In: ROSA, Carlos Alberto & JESUS, Nauk Maria de (Orgs.), *A Terra da Conquista: história de Mato Grosso colonial*, Cuiabá: 2003,

³ Categoria conceitual que busca salientar as respostas ativas e criativas dos índios diante da situação colonial, onde se pode acompanhar a *trajetória de identidades indígenas* que iam se estabelecendo, dissolvendo e se recriando, de acordo com diferentes conjunturas Ver: ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2003.

⁴ José Barbosa de Sá. *Relação das Povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos*, Secretaria Estadual de Educação e Cultura/UFMT, Cuiabá: 1975. pp. 9-10 Este cronista, escreve esta obra na década de setenta do XVIII, na Vila Relá do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, que também foram copiada nas Atas da Vila da Câmara. (Todos os itálicos são meus)

⁵ John M. Monteiro ao apresentar a prática dos freqüentes apresamentos nos sertões para a manutenção da escravidão indígena no planalto paulista, trata também da crise de mão de obra indígena nas décadas finais do XVII e início dos setecentos. As entradas e apresamentos aos sertões do Cuiabá, ainda pouco conhecidos, podem demonstrar as últimas tentativas ou busca de "novos fôlegos" para amenizar esta crise. Cf. em *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994. (Capítulo 7, pp. 209-26)

⁶ José Barbosa de Sá. Op. Cit, pp.10-11. (Todos os itálicos são meus)

⁷ DEMONSTRAÇÃO dos diversos caminhos de que os moradores de São Paulo se servem para os rios Cuiabá e província de Coxiponé, in A. de E. Taunay. *Relatos sertanistas.*, cit., p.206.

⁸ Carta de Rodrigo César ao vice-rei (29/04/1722). *Documentos interessantes sobre a história e costumes de São Paulo*, Arquivo Público de S.P, vol.20, p. 20.

⁹ Gervásio Leite Rebelo. "Relação verdadeira da derrota e viagem que fez da cidade de São Paulo para as minas do Cuiabá o Exm^o. Sr. Rodrigo César de Meneses, governador e Capitão General da capitania de São Paulo e suas minas(...)" . In: TAUNAY, Afonso. *Relatos monçoeiros*, Itatiaia: BH/Edusp:SP, 1981, pp.116-117

¹⁰ Apud Jovam Vilela da Silva. *A capitania de Mato Grosso: política de povoamento e população –século XVIII*. Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 1994. p.217.

¹¹ Biógrafos do bandeirantismo paulista, o descrevem como ativo e audaz sertanista, e que participou desde menino com seu pai, Manuel de Campos Bicudo, nas explorações dos sertões para caça a índios e procura de minérios. Descobriu os rios Cuiabá e o Coxipó em 1718, conquistando a numerosa tribo dos coxiponé (da nação bororo) e fundando várias aldeias. Consta ainda ter formado um exército de índios bororos - grupo que povoava toda a região da bacia do rio Cuiabá-, e ter participado com estes na guerra aos *paiaçuá* em 1734. Outro dado importante acerca deste documento é que é uma das *notícias* reunidas pelo padre matemático Diogo Soares, à pedido do rei D. João V, na década de trinta dos setecentos. (Ver: PRESOTTI, Thereza Martha. *O novo descobrimento das minas e sertões de Cuiabá: a mentalidade da conquista*. Diss. de Mestrado, UnB, 1996)

¹² Antonio Pires de Campos. "Breve notícia (...)", In: Afonso de E. Taunay. *Relatos sertanistas*. Edusp/Itatiaia, São Paulo/Belo Horizonte, 1981, pp. 179-200. (Todos os itálicos são meus)

¹³ Apud Taunay, *Relatos sertanistas*, p. 187. (Todos os itálicos são meus)

¹⁴ Cf. Metraux, *Ethnography of the Chaco*. Este é o nome da extensa região de ampla planície que se estende por cerca de 700 mil km² abrangendo área da Bolívia, Paraguai, Argentina e Brasil. Apud Sílvia M. Schmuziger Carvalho, 'Chaco: encruzilhada dos povos e *melting-pot* cultural.' Em Manuela Carneiro da Cunha (org.), *História dos índios no Brasil*, p.457.

¹⁵ "Los payaguá", *Revista do Museu Paulista*, São Paulo: vol. 3, 1949, pp. 129-137.

¹⁶ Susnik, 1978, p. 94. Apud. Chiara Evangelista.

¹⁷ Cf em MOURA, Carlos Francisco. Os Paiaçuás: índios anfíbios do rio Paraguai. Separata do suplemento dos Anais Hidrológicos -Tomo XLI, Rio de Janeiro, 1983

¹⁸ Idem, p. 18

¹⁹ *O Extremo Oeste*, São Paulo, Brasiliense/Secretaria de Educação e Cultura , 1986, pp. 58-59.

²⁰ ROHAN. Beaurepaire. Anais de Mato Grosso. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. XVI, p.34 (Apud. Carlos F. Moura, op. cit,p. 420)

²¹ *Relação das povoações do Cuiabá e Mato Grosso (...)*, p.19. Os itálicos são meus

²² Idem, pp.27-28

²³ Id. p. 29

²⁴ Id. pp. 31-32

²⁵ Id. P. 33-34

²⁶ Apud. PRESOTTI, Thereza Martha. Op. cit, pp. 102-3

²⁷ Bando de 20/09/1732. Em 'Bandos, regimentos e ordens dos capitães-generais conde de Sarzedas e dom Luís Mascarenhas, 1732-1748', *Doc. Int.*, vol 22, pp.12-14.

²⁸ Bando de 20/09/1732. Idem, loc. cit

²⁹ *Relação da sanguinolenta guerra que por ordem, direção e regimento do Exmo. Sr. Conde Sarzedas, governador e capitão-general da capitania de São Paulo e minas anexas foi fazer Manuel Roiz de Carvalho, tenente-general do governo da capitania, ao bárbaro, indômito e intrépido gentio chamado paiaçuá*. Em Ana Mesquita de Paiva. (Transcrição) 'Os paiaçuás lutaram até o fim'. *Diário Oficial* de Mato Grosso/NDHIR, suplemento mensal nº 8, ano I, Cuiabá (1987), pp. 9-10/15-16.